

ELEITO PELA AMAZON COMO O MELHOR
LIVRO YOUNG ADULT DE 2021



SANGUE DOURADO

N A M I N A F O R N A

N A M I N A F O R N A

SANGUE DOURADO

Imortais Vol. 1

Tradução
Karine Ribeiro

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2021

1



Hoje é o dia do Ritual da Pureza.

O pensamento se repete nervosamente na minha mente enquanto me apresso em direção ao celeiro, agarrando minha capa para afastar o frio. Está cedo e o sol ainda não começou a surgir por cima das árvores cobertas de neve que rodeiam nossa casinha. As sombras se intensificam na escuridão, circundando o pequeno fecho de luz emitido pela minha lamparina. Um formigamento sinistro se espalha pelo meu corpo. É quase como se houvesse algo lá, na minha visão periférica...

É coisa da minha cabeça, digo a mim mesma. Senti esse formigamento muitas vezes antes e nunca vi algo estranho.

A porta do celeiro está aberta quando chego, um lampião pendurado no poste. Meu pai já está lá dentro, espalhando o feno. Ele é uma figura frágil na escuridão, seu corpo alto encolhido. Apenas três meses atrás, ele era caloroso e robusto, seu cabelo loiro intocado pelo branco. Então a varíola rubra veio, fazendo com que ele e minha mãe adoecessem. Agora ele está curvado e apagado, com os olhos remelentos e o cabelo fino de alguém décadas mais velho.

— Você já está de pé — diz ele suavemente, seus olhos cinzentos me encarando.

— Não consegui dormir mais — respondo, pegando um balde de leite e indo em direção a Norla, nossa maior vaca.

Eu deveria estar descansando, isolada, como todas as outras garotas que se preparam para o Ritual, mas há muito trabalho a fazer na fazenda e pouca gente para ajudar. Tem sido assim desde que minha mãe morreu, há três meses. O pensamento enche meus olhos de lágrimas, e eu pisco para afastá-las.

Meu pai coloca mais feno nas pilhas.

— “Abençoado seja aquele que se levantou para testemunhar a glória do Pai Infinito” — resmungo ele, citando as Sabedorias Infinitas. — Então, preparada para hoje?

Eu assinto.

— Estou sim.

Hoje à tarde, o ancião Durkas vai testar a mim e a todas as outras garotas de dezesseis anos durante o Ritual da Pureza. Assim que for provado que somos puras, pertenceremos oficialmente ao vilarejo. Eu finalmente serei uma mulher — apta a me casar, a ter minha própria família.

O pensamento envia outra onda de ansiedade pela minha mente.

Olho de esguelha para meu pai. O corpo dele está tenso, seus movimentos são pesados. Ele também está preocupado.

— Pai, eu estava pensando... — começo. — E se... E se... — Eu me interrompo, a pergunta inacabada pesando no ar. Um medo impronunciável se desenrolando na escuridão do celeiro.

Meu pai me oferece o que ele pensa ser um sorriso tranquilizador, mas os cantos de sua boca estão tensos.

— E se o quê? — pergunta ele. — Você pode me dizer, Deka.

— E se meu sangue não for puro? — sussurro, as palavras horríveis irrompendo de mim. — E se eu for levada pelos sacerdotes... banida?

Tenho pesadelos com isso, temores que se misturam aos meus outros sonhos, aqueles em que estou em um oceano escuro, com a voz de minha mãe me chamando.

— É com isso que você está preocupada?

Eu assinto.

Embora seja raro, todos conhecem a irmã de alguém ou alguma outra parente que era impura. Faz décadas desde a última vez que aconteceu em Irfut — com uma das primas de meu pai. Os aldeões ainda cochicham sobre o dia em que ela foi arrastada pelos sacerdotes para nunca mais ser vista. A família do meu pai está manchada por isso desde então.

É por isso que eles agem de maneira tão devota — sempre os primeiros a chegar no templo, minhas tias com o rosto coberto de tal forma que nem suas bocas podem ser vistas. As Sabedorias

Infinitas advertem: “Apenas as mulheres impuras, blasfemadoras e incastas ficam desnudas diante dos olhos de Oyomo”, mas esse aviso se refere à parte superior do rosto: da testa à ponta do nariz. Minhas tias, no entanto, têm até pequenos retângulos de tecido transparente cobrindo os olhos.

Quando meu pai voltou de seu posto no exército com minha mãe, toda a família o renegou imediatamente. Era muito arriscado aceitar uma mulher de pureza desconhecida, e ainda por cima estrangeira, na família.

Então eu cheguei — uma criança de pele escura o bastante para ser sulista, mas com os olhos cinzentos de meu pai, um furo no queixo e o cabelo levemente cacheado que diziam o contrário.

Nasci em Irfut e passei minha vida toda aqui, mas ainda sou tratada como estranha — ainda me encaram e apontam para mim, ainda me excluem. Eu nem seria aceita no templo se dependesse de alguns parentes do meu pai. Meu rosto pode até ser igualzinho ao dele, mas não é o suficiente. Preciso ser testada para que o vilarejo me aceite, para que a família do meu pai nos aceite. Assim que meu sangue for declarado puro, finalmente pertencerei.

Meu pai se aproxima, sorrindo para mim de forma tranquilizadora.

— Você sabe o que puro quer dizer, Deka? — pergunta.

Respondo com um trecho das Sabedorias Infinitas:

— “Abençoadas são as mansas e servis, as humildes e verdadeiras filhas do homem, pois são imaculadas diante do Pai Infinito.”

Toda garota sabe isso de cor. Recitamos essa passagem sempre que entramos em um templo — um lembrete constante de que mulheres foram criadas para serem companheiras dos homens, servis aos desejos e ordens deles.

— Você é humilde e todas as outras coisas, Deka? — meu pai pergunta.

Eu assinto.

— Acho que sim — respondo.

Incerteza passa pelos olhos dele, mas ele sorri e beija minha testa.

— Então tudo ficará bem.

Ele volta para o feno. Eu me sento perto de Norla, ainda preocupada. Afinal, tenho mais semelhanças com minha mãe do que meu pai sabe — semelhanças que fariam os aldeões me odiarem ainda mais se descobrissem.

Preciso garantir que sejam mantidas em segredo. Os aldeões não podem descobrir.

Nunca.



Ainda é cedo quando chego na praça do vilarejo. Está um pouco frio, e dos telhados das casas próximas pendem vários pingentes de gelo. Mesmo assim, o sol está inusitadamente brilhante, seus raios refletindo nas altas e arqueadas colunas do Templo de Oyomo. Essas colunas são como uma oração, uma forma de meditar sobre o progresso do sol de Oyomo pelo céu dia após dia. Os sumos sacerdotes as usam para escolher em quais dias do ano conduzir os Rituais da primavera e do inverno. Só de olhá-las sinto outra onda de ansiedade tomar conta de mim.

— Deka! Deka!

Uma figura familiar e desengonçada acena animadamente para mim do outro lado da rua.

Elfriede vem rápido, a capa cobrindo tanto o corpo que só consigo ver seus brilhantes olhos verdes. Ela e eu sempre tentamos esconder o rosto quando estamos na praça — eu por causa da minha pele e Elfriede por causa da pálida marca de nascença avermelhada que cobre o lado esquerdo de seu rosto. As garotas têm permissão para ficar com o rosto descoberto até passarem pelo Ritual, mas não há motivo para atrair atenção, em especial em um dia como este.

Esta manhã, a pequena praça de pedra de Irfut está cheia de visitantes, centenas deles, e outros mais chegando em carroças lotadas a cada minuto. Eles vêm de todos os cantos de Otera: os do Sul, arrogantes, com pele negra e cabelo crespo; os do Oeste, de temperamento tranquilo, com longos cabelos pretos em coques, tatuagens cobrindo a pele marrom; os do Norte, impetuosos, de pele cor-de-rosa e cabelo loiro brilhando no clima frio; e os do Leste,

calmos e de todos os tons, negro mais pigmentado ao branco mais claro, cabelo preto liso e sedoso descendo em rios brilhantes por suas costas.

Embora Irfut seja remoto, é conhecido pela beleza das garotas, e homens vêm de longe para ver as que estão disponíveis antes que elas passem a usar a máscara. Várias garotas encontrarão maridos hoje — se já não tiverem encontrado.

— Não é empolgante, Deka? — Elfriede dá uma risadinha.

Ela gesticula para a praça, que agora está festivamente decorada para a ocasião. As portas das casas com garotas disponíveis foram pintadas de vermelho brilhante, há estandartes e bandeiras tremulando alegremente nas janelas, e lanternas de cores intensas enfeitam cada entrada. Há até dançarinos mascarados em pernas de pau e cuspidores de fogo, e eles andam pela multidão, competindo com os vendedores de pacotes de nozes assadas, coxas de frango defumadas e maçãs do amor.

A empolgação passa por mim enquanto olho.

— É sim — respondo com um sorriso, mas Elfriede já está me arrastando com ela.

— Vamos, vamos! — ela me apressa, se espremendo contra a multidão de visitantes, muitos dos quais fazem cara feia para a ausência de guardiões ao nosso lado.

Na maioria dos vilarejos, mulheres não podem sair de casa sem um homem para acompanhá-las. Irfut é pequeno, no entanto, e há poucos homens. A maioria dos elegíveis se juntou ao exército, como meu pai fez quando era mais jovem. Alguns poucos sobreviveram ao treinamento para se tornar jatu, integrantes da guarda de elite do imperador. Vejo uma porção deles nos arredores da praça, observando em sua armadura vermelha brilhante.

Há pelo menos doze hoje, muito mais do que os habituais dois ou três que o imperador envia para o Ritual de inverno. Talvez seja verdade o que as pessoas andam comentando: que mais uivantes mortais estão avançando a fronteira este ano.

Os monstros ocupam a fronteira sul de Otera há séculos, mas, nos últimos anos, ficaram bem mais agressivos. Eles geralmente atacam perto do dia do Ritual, destruindo vilarejos e tentando levar

embora garotas impuras. Dizem que a impureza torna as garotas muito mais deliciosas...

Felizmente, Irfut está em uma das áreas mais remotas do Norte, cercada por montanhas cobertas de neve e florestas impenetráveis. Os uivantes jamais conseguirão entrar aqui.

Elfriede não percebe como estou calada: ela está ocupada demais sorrindo para os jatu.

— Eles não estão lindos com esse vermelho? Ouvi dizer que são novos recrutas, passando pelas províncias. Que maravilhoso o imperador tê-los enviado aqui para o Ritual!

— Acho que sim... — murmuro.

A barriga de Elfriede ronca.

— Vamos, Deka — insiste ela, me arrastando. — Daqui a pouco a fila na padaria vai estar enorme.

Ela me puxa com tanta força que eu tropeço, colidindo contra uma forma grande e sólida.

— Me desculpe — arquejo, olhando para cima.

Um dos visitantes está olhando para mim, com um sorrisinho fino e voraz.

— O que é isso, outro docinho? — Ele sorri, se aproximando.

Me afasto com rapidez. Como eu pude ser tão estúpida? Homens de outros vilarejos não estão acostumados a ver mulheres desacompanhadas, e podem supor coisas horríveis.

— Me desculpe, preciso ir — sussurro, mas ele me agarra antes que eu possa sair de seu alcance, os dedos ávidos tentando tocar o botão que prende a parte superior da minha capa.

— Não faça assim, docinho. Seja uma boa menina, tire a capa para podermos ver o que...

Mãos enormes o afastam antes que ele consiga terminar de falar.

Quando me viro, Ionas, o filho mais velho do ancião Olam, o líder do vilarejo, está encarando o homem, sem qualquer traço de seu sorriso fácil no rosto.

— Se você quer um bordel, há um na estrada abaixo, na sua cidade — adverte ele, os olhos azuis cintilando. — Talvez você deva voltar pra lá.

A diferença de tamanho entre eles é suficiente para fazer o homem hesitar. Embora Ionas seja um dos garotos mais bonitos do vilarejo — com seu cabelo loiro e suas covinhas —, também é um dos maiores, gigante como um touro e tão intimidador quanto.

O homem cospe no chão, irritado.

— Não fique tão nervosinho, garoto. Eu só estava me divertindo um pouco. Essa daí nem é do Norte, pelo amor de Oyomo.

Cada músculo do meu corpo fica tenso com esse lembrete indesejável. Não importa quão quieta eu fique, quão inofensiva eu permaneça, minha pele negra sempre me marcará como sulista, membro das tribos odiadas que há muito tempo venceram o Norte e o forçaram a se juntar ao Reino Único, conhecido como Otera. Apenas o Ritual da Pureza pode garantir o meu lugar.

Por favor, me deixe ser pura, por favor, me deixe ser pura. Faço uma oração rápida para Oyomo.

Puxo minha capa com mais força ao redor do corpo, desejando poder desaparecer, mas Ionas se aproxima do homem, com um olhar agressivo.

— Deka nasceu e cresceu aqui, assim como o resto de nós — grunhe ele. — Você não a tocará novamente.

Minha boca se escancara, chocada por essa defesa inesperada. O homem bufava.

— Como eu disse, eu só estava me divertindo. — Ele se vira para os amigos. — Ei, vamos pegar umas bebidas.

O grupo se afasta, reclamando baixinho.

Quando eles vão embora, Ionas se vira para mim e Elfriede:

— Você está bem? — pergunta, com uma expressão preocupada.

— Sim. Só um pouco assustada — consigo dizer.

— Mas não machucada.

Os olhos dele estão em mim agora, e tudo que consigo fazer é me concentrar em manter a compostura diante da sinceridade daquele olhar.

— Não. — Balanço a cabeça.

Ele assente.

— Desculpe pelo que acabou de acontecer. Homens podem ser animais, principalmente perto de garotas tão bonitas quanto você.

Garotas tão bonitas quanto você...

As palavras são tão inebriantes que demoro um momento para perceber que ele está falando de novo.

— Para onde vocês vão?

— À padaria — responde Elfriede, já que continuo sem palavras.

Ela gesticula para a construção pequena e aconchegante do outro lado da rua.

— Vou ficar de olho em vocês daqui — diz Ionas. — Garantir que estejam seguras.

De novo, o olhar dele fica em mim.

Minhas bochechas esquentam.

— Obrigada — digo, me apressando para a padaria enquanto Elfriede dá um risinho.

Fiel às suas palavras, Ionas continua me encarando por todo o caminho.



A padaria já está cheia, assim como Elfriede previu. Cada canto da lojinha está tomado por mulheres, as máscaras brilhando na luz baixa enquanto elas compram delicados bolos rosa de pureza e pães em formato de sol para celebrar a ocasião. Geralmente, as máscaras são simples, feitas de pedaços finos de madeira ou pergaminho e pintadas com símbolos de oração para dar sorte. Em dias de festa como este, no entanto, as mulheres usam suas máscaras mais extravagantes, inspiradas no sol, na lua e nas estrelas e adornadas com precisão geométrica em ouro ou prata. Oyomo não é apenas o deus do sol, mas também o deus da matemática. A maioria das máscaras das mulheres segue a simetria divina para agradar os olhos Dele.

Depois de hoje, eu também usarei uma, uma meia-máscara robusta branca feita de pergaminho pesado e pequenas lascas de madeira que cobrirá minha testa e meu nariz. Não é muito, mas é o melhor que meu pai pôde pagar. Talvez Ionas peça para me cortejar depois que eu passar a usá-la.

Imediatamente, descarto esse pensamento ridículo.

Não importa o que eu vista, nunca serei tão bonita quanto as outras garotas do vilarejo: magras, de cabelo loiro sedoso e bochechas rosadas. Minha aparência é bem mais robusta e minha pele é negra; minha única vantagem é meu cabelo preto macio, com cachos que formam nuvens que emolduram meu rosto.

Minha mãe uma vez disse que garotas como eu são consideradas bonitas nas províncias do Sul, mas ela é a única que pensou nisso. Tudo o que as outras pessoas veem é quão diferente eu pareço delas. Terei sorte se conseguir um marido de um dos vilarejos próximos, mas preciso tentar. Se alguma coisa acontecer com meu pai, seus parentes achariam qualquer motivo para me abandonar.

Um suor frio toma conta de mim quando penso no que aconteceria nessa situação: uma vida de piedade forçada e trabalho árduo como serviçal no templo ou, pior, ser forçada a trabalhar nos bordéis das províncias do Sul.

Elfriede se vira para mim:

— Você viu como o Ionas estava te olhando? — sussurra ela. — Pensei que ele fosse te levar embora. Tão romântico.

Aperto minhas bochechas para esfriá-las enquanto um sorrisinho surge nos meus lábios.

— Não seja boba, Elfriede. Ele só estava sendo educado.

— O jeito que ele estava te olhando, era...

— O quê? O que era, Elfriede? — uma voz doce e suave interrompe, com risinhos em seguida.

Todo o meu corpo fica gelado. Por favor, hoje não...

Me viro e vejo Agda parada atrás de nós, acompanhada por um grupo de garotas do vilarejo. No mesmo instante, sei que ela deve ter me visto conversando com Ionas, porque sua postura está tomada de raiva. Agda pode ser a garota mais bonita do vilarejo, com sua pele pálida e o cabelo loiro-branco, mas essas características delicadas escondem um coração venenoso e uma natureza maldosa.

— Você acha que só porque poderá ser colocada à prova hoje, os garotos de repente começarão a te achar bonita? — cospe ela. — Não importa o quanto você deseje o contrário, Dekka, uma máscara nunca vai conseguir esconder essa sua pele feia do Sul.

Me pergunto o que você fará quando homem nenhum te quiser e você for uma solteirona feia e desesperada sem marido ou família.

Aperto minhas mãos em punho com muita força, minhas unhas cravando na carne.

Não responda, não responda, não responda...

Agda olha para Elfriede com desdém.

— Essa aí, pelo menos, pode cobrir o rosto, mas mesmo que você cubra seu corpo inteiro, todo mundo sabe o que tem por baixo...

— Cuidado com a língua, Agda — uma voz séria chama da parte da frente da loja, interrompendo-a.

É a Senhora Norlim, a mãe de Agda. Ela se aproxima, as inúmeras joias em sua máscara dourada brilhando o suficiente para ofuscar qualquer um. A Senhora Norlim é esposa do ancião Norlim, o homem mais rico do vilarejo. Diferentemente das outras mulheres, que conseguem pagar apenas meias-máscaras douradas ou máscaras inteiras de prata, ela usa uma máscara formal que cobre todo o rosto, um padrão de raio de sol replicado em torno de olhos azul-claros. Suas mãos também estão decoradas, espirais de ouro e pedras semipreciosas coladas na pele.

— As palavras de uma mulher devem ser doces como fruta e mel — ela relembra Agda. — Assim dizem as Sabedorias Infinitas.

Agda abaixa a cabeça, encabulada.

— Sim, mãe — responde.

— Além disso — completa a mãe, a compaixão em seus olhos contrastando com a máscara sorridente —, Dekka não tem culpa que sua pele seja tão suja quanto a de sua mãe, assim como Elfriede não pode esconder sua marca de nascença. Foi assim que elas nasceram, pobrezinhas.

Minha gratidão se transforma em raiva, o sangue fervendo em minhas veias. Suja? Pobrezinhas? Ela deveria me chamar de impura de uma vez. Dou tudo de mim para manter meu rosto dócil à medida que caminho em direção à porta, de alguma forma consigo.

— Obrigada por suas palavras gentis, Senhora Norlim — me forço a dizer antes de sair.

Preciso reunir toda a minha força para evitar bater a porta.

Então estou lá fora, inspirando e expirando rapidamente, tentando recuperar minha compostura, tentando segurar as lágrimas de raiva que pinicam meus olhos. Mal noto Elfriede me seguindo.

— Deka? — chama ela. — Você está bem?

— Estou — sussurro, segurando minha capa mais perto para que ela não veja minhas lágrimas.

Minha fúria.

Não importa o que a Senhora Norlim e os outros falem, digo a mim mesma silenciosamente. Serei pura. Dúvidas surgem, me lembrando que eu tenho as mesmas características estranhas que minha mãe tinha. Eu as afasto. Minha mãe conseguiu escondê-las até o dia de sua morte, e eu farei o mesmo. Tudo o que preciso fazer é sobreviver às próximas horas e provar que sou pura.

Então enfim estarei segura.

2



Passo o resto da manhã me preparando para o Ritual da Pureza: passando roupas para meu pai e para mim e engraxando nossos sapatos. Fiz até uma guirlanda de flores secas para meu cabelo; a cor vermelha brilhante vai contrastar perfeitamente com o azul cerimonial do meu vestido. Assim que o Ritual terminar, irei para a festa do vilarejo, e devo estar no meu melhor. Esta é a primeira vez que sou convidada para uma festa, ou para qualquer outra celebração no vilarejo, na verdade.

Para me acalmar, me concentro nas tortas de groselha que vou levar para o banquete. Tento fazer cada uma o mais perfeito possível — bordas bem dobradas, ilhas de chantili —, mas é difícil fazer isso sem uma faca. As garotas não têm permissão para ficar perto de coisas afiadas desde o momento em que completam quinze anos até o dia seguinte ao Ritual da Pureza. As Sabedorias Infinitas proíbem, garantindo que não sangremos uma gota antes do Ritual.

Garotas que se ferem antes de completar quinze anos são levadas ao templo para serem purificadas, suas famílias são condenadas ao ostracismo, as perspectivas de casamento são destruídas.

“Desprezadas são as que carregam marcas ou cicatrizes, as feridas e as que sangram, pois poluíram o templo do Pai Infinito.”

Essas palavras foram repetidas para mim desde que nasci.

Se meu pai tivesse mais dinheiro, ele teria me enviado para uma Casa da Pureza, para passar o ano antes do Ritual protegida de coisas afiadas em suas paredes macias e acolchoadas. Mas só garotas ricas como Agda têm condições de pagar Casas da Pureza. O restante de nós tem que se virar e evitar facas.

Estou tão perdida em meus pensamentos que não noto meu pai se aproximando.

— Deka? — chama ele. Me viro e o vejo trocando o peso de um pé para o outro atrás de mim, nervoso, com uma caixa em mãos. Ele a abre com um sorriso hesitante. — Isto é para você.

Ele me oferece o vestido bordado que está lá dentro.

Perco o ar, as lágrimas turvando minha visão. É tingido com o azul-escuro do Ritual e tem pequenos sóis de ouro bordados na barra, mas essa não é a melhor parte. Debaixo dele, há uma meia-máscara azul delicada, com fitas de seda branca para amarrá-la. É mais bonita do que qualquer coisa que já vi, suave e elegante apesar da base de madeira.

— Como? — Recupero o ar, inflando o peito. Não temos dinheiro para comprar roupas novas, muito menos máscaras. Eu customizei um dos antigos vestidos de minha mãe para o Ritual.

— Sua mãe fez tudo em segredo para você ano passado — diz ele, tirando algo mais da caixa.

— O colar favorito dela... — sussurro, minha voz está embargada de felicidade.

Pego a fina corrente de ouro bem trabalhada e a delicada esfera de ouro pendurada nela, aquele símbolo antigo e familiar entalhado na superfície. É quase como o kuru, o símbolo sagrado do sol, mas há outra coisa nele, outra marca tão desgastada que nunca consegui compreendê-la, mesmo depois de todos esses anos. Minha mãe usava o colar todo dia, sem falta.

E pensar que ela preparou tudo isso para mim há tanto tempo.

Meu peito se aperta agora, e eu o massageio, tentando acalmar minhas lágrimas. Sinto tanta falta dela, de sua voz, de seu cheiro, do jeito que ela costumava sorrir sempre que me via.

Seco os olhos e me viro para meu pai.

— Ela garantiu que eu guardasse para você — diz ele. Então pigarreja, um rubor aparecendo em suas bochechas quando tira uma última coisa da caixa: uma guirlanda de flores frescas, seu tom forte de vermelho brilhando na luz. — Mas as flores são um presente meu. O vendedor me disse que elas duram muito.

— São lindas — digo, emocionada, enquanto olho para ele. É a primeira vez que recebo tantos presentes. — Tudo é lindo. Muito

obrigada mesmo, pai.

Desajeitado, ele me dá um tapinha nas costas.

— Arrume-se, rápido. Hoje, você mostrará a eles que pertence.

— Sim, pai.

Eu o obedeco imediatamente, a determinação se firmando dentro de mim. Vou mostrar para eles. Usarei meu vestido novo e flores e então, quando o Ritual terminar, minha nova máscara combinando. Vou usá-la com tanto orgulho que nem Agda poderá me negar.

O pensamento me faz sorrir.



É fim de tarde quando chegamos ao templo. A praça do vilarejo está lotada — simpatizantes e espectadores curiosos lutam por espaço; garotas vestindo o azul cerimonial se enfileiram nos degraus do templo, com os pais ao lado. Meu pai se coloca ao meu lado bem quando os tambores soam, e observamos enquanto os jatu marcham solenemente em direção aos degraus, se preparando para a chegada do ancião Durkas, suas armaduras vermelhas fazendo um contraste reluzente contra o mar de vestidos azul-escuros, suas máscaras de guerra distorcidas brilhando à luz fraca do fim de tarde. Cada máscara se parece com o rosto assustador de um demônio e pode ser acoplada e removida do capacete facilmente.

Já que as portas ainda não se abriram, eu observo as fortes paredes brancas do templo, seu teto vermelho. Vermelho é a cor da santidade. É a cor que as garotas puras sangrarão quando o ancião Durkas as testar hoje.

Por favor, deixe que o meu sangue seja vermelho. Por favor, deixe que o meu sangue seja vermelho, rezo.

Vejo Elfriede na frente, o corpo todo tenso. Ela deve estar pensando a mesma coisa. Como todas as outras garotas, ela está com o rosto descoberto pela última vez, embora se incline um pouco para esconder a marca de nascença.

As portas do templo se abrem com um rangido, e a multidão se agita. O ancião Durkas aparece no topo da escada, seu rosto franzido e com o ar desaprovador de sempre. Como a maioria dos

sacerdotes de Oyomo, a missão dele é erradicar a impuridade e a abominação. É por isso que seu corpo é tão magro e seus olhos tão intensos. O fervor religioso prevalece a se alimentar ou fazer qualquer outra coisa. Uma tatuagem dourada de kuru brilha no meio de sua cabeça raspada.

Ele estende as mãos sobre a multidão.

— O Pai Infinito os abençoa — entoia ele.

— O Pai Infinito abençoa a todos nós — a resposta da multidão reverbera pela praça.

O ancião Durkas ergue a lâmina cerimonial aos céus. É esculpida em marfim e mais afiada do que qualquer espada.

— “E no quarto dia” — recita ele em sua voz profunda usada para essas ocasiões — “Ele criou a mulher, uma companheira para erguer o homem ao seu potencial sagrado, sua glória divina. A mulher é o maior presente do Pai Infinito à humanidade. Consolo no momento mais difícil do homem. Conforto em...”

As palavras do ancião Durkas se esvanecem para um sussurro conforme minha pele começa a formigar, o sangue acelerado. Isso vem com uma súbita percepção: a calmaria do vento, o estalar dos pingentes de gelo e, em algum lugar ao longe... o som de passos pesados esmagando folhas caídas.

Algo está se aproximando... O pensamento passa por minha mente.

Eu me esforço para afastá-lo. Por que isso está acontecendo agora?

Meu pai deve ter notado minha expressão distraída, porque ele suspira tristemente, cerrando os olhos em direção ao sol.

— Sua mente sempre esteve inclinada a viajar, Deka — sussurra, a voz baixa para que os outros não escutem nossa conversa. — Você é tão parecida com a sua mãe.

Quando os lábios dele se curvam pela tristeza, franzo a testa.

— Você vai ficar com rugas — digo.

Então ele sorri, de repente parecendo o homem caloroso que costumava ser, antes que a varíola rubra e a morte de minha mãe o fizessem encolher até que ele se tornasse uma sombra de si mesmo.

— O sujo falando do mal lavado, você não acha? — brinca meu pai enquanto a fila começa a se mover.

Assinto e volto minha atenção aos degraus do templo. O ancião Durkas terminou sua declamação. O Ritual da Pureza vai começar.

Agda é a primeira garota a entrar no templo, e seu rosto está pálido de nervosismo. Oyomo será a favor dela ou julgará que sucumbiu à impureza? A multidão se inclina para a frente, tensa. O burburinho, as conversas sussurradas, tudo se transforma em um silêncio, até que só se ouvem os latidos descontentes dos cães e a respiração ofegante dos cavalos arreados nos estábulos próximos.

Momentos depois, um grito assustado irrompe do templo. Agda surge pouco depois, o lenço azul apertado contra o peito, onde o ancião Durkas a cortou com a lâmina cerimonial. Quando ela chega ao topo da escada, tira o lenço e o segura acima da cabeça para mostrar como está empapado de sangue vermelho. Uma comemoração aliviada emerge da multidão. Ela é pura. Os pais vão abraçá-la, e o pai orgulhosamente coloca uma delicada meia-máscara de ouro em forma de lua no rosto dela para declarar a feminilidade recém-descoberta. Ela lança um olhar vitorioso para a multidão, os lábios se curvando em um sorriso quando ela me olha.

Quando Agda desce as escadas, a próxima garota entra, e o Ritual da Pureza recomeça.

Mantenho os olhos na porta. Vê-la — grande, vermelha e intimidadora — me aflige, faz meu estômago revirar e as palmas das minhas mãos suarem. O formigamento se intensifica — como um cantarolar baixo agora, pelinhos se eriçam, o estado de atenção se torna mais agudo.

Algo está vindo. O pensamento volta a preencher minha mente.

Não é nada, me lembro firmemente. Já senti essas coisas várias vezes e nunca vi algo estranho...

O terror me atinge de maneira tão repentina e forte que meus joelhos se dobram. Eu agarro a mão de meu pai para permanecer de pé. Ele olha para mim com o rosto franzido.

— Dekka, você está bem?

Eu não respondo. O medo congelou meus lábios, e tudo o que posso fazer é assistir horrorizada enquanto faixas sinistras de névoa serpenteiam aos pés do meu pai. Mais delas estão deslizando pela

praça, esfriando o clima. Acima de nós, o sol desaparece, afastado pelas nuvens que agora tomam conta do céu.

Meu pai franze a testa ao notar.

— O sol foi embora.

Mas não estou mais olhando para o céu. Meus olhos estão na fronteira do vilarejo, onde as árvores desfolhadas pelo inverno estalam sob o peso da neve e do gelo. A névoa está vindo de lá, com um cheiro frio e afiado e algo mais: um som distante e agudo que me deixa nervosa.

Quando o som se torna um grito de estourar os tímpanos, toda a multidão fica quieta, petrificada como estátuas na neve. Um sussurro se espalha na escuridão:

— Uivantes mortais...

E assim, a calmaria acaba.

— Uivantes mortais! — grita o comandante Jatu, desembainhando a espada. — Preparem-se!

A multidão se dispersa, os homens correndo em direção ao estábulo para pegar as armas, as mulheres conduzindo os filhos para casa. Os Jatu avançam para a floresta, onde formas cinza gigantescas estão aparecendo, gritos inumanos prenunciando sua chegada.

O maior uivante mortal é o primeiro a sair da floresta. Uma criatura enorme, tão magra que seus ossos são protuberantes, as mãos com garras chegam quase até os joelhos, formas pontiagudas saem de toda a coluna ossuda. Parece quase humano, seus olhos pretos piscam, as narinas estreitas estão dilatadas conforme examina o vilarejo. A criatura se vira para a praça, onde ainda estou parada, aterrorizada, e minha respiração fica curta e rápida.

A criatura abre a boca, inspira...

Um grito estridente atravessa meu cérebro, uma agonia lancinante me golpeia. Meus dentes rangem; meus músculos travam no lugar. Ao meu lado, meu pai cai no chão enquanto sangue escorre de seus ouvidos e narinas. Mais aldeões já se retorcem no chão, rostos contorcidos em expressões de terror e angústia.

Além de mim, apenas os Jatu permanecem de pé na praça, com seus capacetes feitos especialmente para resistir aos gritos dos uivantes mortais. Mesmo assim, os olhos deles brilham,

embranquecidos, por trás das máscaras de guerra, e as mãos tremem nas espadas. A maioria dos jatu aqui são recrutas, acabaram de se juntar à guarda, como Elfriede mesmo disse. Eles ainda não lutaram nas fronteiras do sul, onde os uivantes mortais fazem cerco constante — provavelmente sequer viram um uivante antes. Será um milagre se algum deles sobreviver.

Será um milagre se qualquer um de nós sobreviver.

Esse pensamento me faz sair de meu estado de paralisia, e eu me viro para meu pai:

— Precisamos fugir! — grito, puxando-o com tanta força que ele quase sai do chão. O medo deu uma nova energia aos meus músculos, fez com que ficassem anormalmente fortes. — Precisamos ir!

Volto a olhar para o uivante mortal que está na frente, os cabelos chicoteiam ao vento.

Como se sentisse meu olhar, a criatura se vira, e seus olhos se conectam aos meus. Há algo neles... uma inteligência. O ar é arrancado de meus pulmões. De repente, cada músculo do meu corpo parece fraco, congelado sob aqueles olhos predatórios. Quando enfim me encolho, a criatura já está avançando, assim como as outras. As muitas, muitas outras. Elas estão saindo da névoa, formas cinzentas de pele como couro, prontas para o ataque. Algumas saltam das árvores para o chão, as garras marcam a neve enquanto correm de quatro.

— Defendam o vilarejo! — rugem o comandante dos jatu, erguendo a espada. — Pelo Pai Infinito!

— Pelo Pai Infinito! — repetem os jatu, correndo em direção às feras.

Um arquejo horrorizado irrompe do meu peito quando meu pai cambaleia e ecoa o grito junto com os outros homens do vilarejo, que agora estão todos colocando lenços ou faixas ao redor das orelhas.

— Corra para o templo, Deka! — grita ele para mim.

À frente dele, o comandante dos jatu avança sobre o uivante mortal mais adiante, mas a criatura não recua. Em vez disso, para, inclinando a cabeça. Por um momento, parece haver um brilho divertido em seus olhos. Divertido e mortal. Em seguida, ela se

move, jogando violentamente o jatu para o outro lado da praça. O corpo dele se quebra com o impacto, sangue se espalha por toda parte.

Um sinal para os outros uivantes mortais atacarem.

As criaturas correm para o vilarejo, destruindo os escudos dos jatu, massacrando-os com garras fatalmente afiadas. Gritos ecoam, sangue jorra, o odor de urina sobe. Os jatu tentam revidar, mas são poucos e muito inexperientes contra a monstruosidade dos uivantes mortais.

Eu observo, o horror me sufoca, à medida que membros e corpos são dilacerados sem compaixão, cabeças arrancadas com alegria feroz. Dentro de minutos, os jatu são derrotados e sobram apenas os homens do vilarejo.

— Não os deixem passar! — grita o ancião Olam, mas já é tarde demais.

Os uivantes mortais atacam os aldeões, alguns saltando sobre as vítimas, outros cortando-as com garras e dentes. Quanto mais os homens do vilarejo gritam, mais frenéticas se tornam as criaturas. O sangue salpica o chão, espalhando o vermelho sobre o branco da neve; cadáveres se amontoam em um emaranhado de vísceras e folhas secas.

É um massacre.

Com o terror esfaqueando meu coração, me viro para meu pai. Ele e outros dois aldeões estão em um combate contra um uivante mortal, contendo a criatura com espadas e forcados. Ele não vê o outro uivante mortal correndo em sua direção, com sede de sangue nos olhos. Ele não vê as garras se revelando, estendidas para ele.

— *NÃÃÃÃO!* — o grito desesperado deixa o meu peito antes que eu possa calá-lo, tão poderoso que parece tomado por outra coisa. Algo mais profundo. — *PARE, POR FAVOR!* Deixe meu pai em paz! Por favor, nos deixem em paz!

Os uivantes mortais se viram na minha direção, os olhos pretos injetados de ódio. O tempo parece parar enquanto o líder se aproxima de mim. Mais perto, mais perto, até que...

— *PARE!* — grito, minha voz ainda mais poderosa que antes.

O uivante mortal de repente endurece, a vida esvanecendo de seus olhos. Por um momento, quase parece apenas uma casca —

um recipiente vazio, em vez de um ser vivo. Os outros uivantes mortais estão da mesma forma: estátuas congeladas à luz do fim de tarde.

O silêncio cai sobre o vilarejo. Meu coração martela nos ouvidos. Mais alto. Mais alto. Então...

Movimento.

O líder se vira e cambaleia em direção à floresta, os demais o seguem. A névoa rapidamente se afasta com eles, quase parecendo seguir seus passos. Em menos de um minuto, eles somem.

Estou tomada de alívio, flutuando, como se mal estivesse conectada à minha pele. Uma sensação nebulosa me invade, fazendo meu corpo inteiro parecer tão leve quanto um dente-de-leão.

Vou até meu pai, um sorriso vidrado em meu rosto. Ele ainda está de pé no mesmo lugar, mas não parece tão aliviado quanto eu. Seu rosto está pálido, o corpo empapado de suor. Ele quase parece... apavorado.

— Pai? — chamo, estendendo a mão para ele.

Para minha surpresa, meu pai se encolhe.

— Demônio imundo! — grita ele. — O que você fez com a minha filha?

— Pai? — repito.

Dou outro passo na direção dele, confusa quando ele torna a se encolher.

— Não se atreva a me chamar assim, besta! — cospe ele.

Os outros homens se reuniram em torno dele. As mulheres começaram a sair das casas, Elfriede entre elas. Há uma expressão em seu rosto, uma que nunca vi antes. Medo.

— Seus olhos, Deka. O que aconteceu com seus olhos? — sussurra ela, horrorizada.

As palavras dela derretem um pouco da névoa ao meu redor. Meus olhos? Me viro para meu pai, prestes a perguntar o que os homens estão falando, mas ele assente para algo atrás de mim. Quando me viro, lá está Ionas, uma espada brilhando em suas mãos. Franzo a testa, confusa. Ele veio me proteger, como fez mais cedo?

— Ionas?

Ele enfia a espada na minha barriga. A dor é tão aguda, tão ensurdecedora, que mal noto o sangue caindo em minhas mãos.

É vermelho... tão vermelho a princípio, mas então a cor começa a mudar, a brilhar. Em alguns instantes, o vermelho se torna dourado — o mesmo dourado agora percorre a minha pele.

Okai escurece minha visão à medida que o sangue em minhas veias desacelera. A única coisa que se mantém em movimento é esse ouro, despejando em minhas mãos como um rio, escorrendo devagar sobre a minha pele.

— Como sempre suspeitei — diz uma voz distante. Quando olho para cima, o ancião Durkas está inclinado sobre mim, sua expressão sombria de satisfação. — Ela é impura — declara ele.

É a última coisa que ouço antes de morrer.